

PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DO BAIRRO DE ITAPUÃ EM SALVADOR-BA¹

Leonardo Dias Afonso²
Angelo Szaniecki Perret Serpa³

RESUMO: A pesquisa procurou analisar os processos de urbanização popular em Salvador, buscando entender sua dinâmica, na escala do bairro, um recorte mais próximo da realidade cotidiana. Assim, o objeto central da pesquisa é o bairro de Itapuã, um bairro idealizado no imaginário popular, mas que apresenta diversas contradições. A pesquisa buscou diagnosticar as condições estruturais e socioeconômicas do bairro, a partir da análise dos espaços públicos, do sistema de transportes e da distribuição espacial do comércio e dos serviços. A partir dos estudos de percepção, priorizando o espaço vivido dos moradores, buscou também analisar o papel da cultura na vida social, a partir do diagnóstico das relações interpessoais existentes no lugar, explicitando sua imagem coletiva. A pesquisa serviu para desmistificar a imagem produzida do bairro, permeada por uma visão romantizada, de um lugar mágico, igualitário, tranquilo e de natureza exuberante, desconstruída a partir de uma radiografia dos problemas do bairro, que apresenta uma população predominantemente de baixa renda, com urbanização acelerada e problemas estruturais graves. Outra questão importante foi o “mergulho” na realidade do bairro, dando voz àqueles que não são ouvidos. Ouvir as lideranças e os porta-vozes dos diferentes grupos atuantes no bairro de Itapuã, sistematizando suas demandas, foi um desafio posto ao pesquisador e pode servir enquanto procedimento metodológico para processos participativos de planejamento na escala do bairro estudado.

Palavras-chave: Bairro popular; Comércio; Serviços; Transporte Público; Manifestações Culturais.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objeto de estudo o bairro de Itapuã, localizado a nordeste da Orla Atlântica de Salvador. É uma área considerada privilegiada da cidade, porém a maioria da população residente em Itapuã pode ser caracterizada como de baixa renda. A análise da configuração espacial baseou-se nas observações dos espaços livres existentes, na distribuição do comércio e dos serviços e dos meios de transporte. A pesquisa dividiu-se em duas etapas. A primeira etapa, realizada entre os meses de junho de 2006 e janeiro de 2007, constituiu-se num diagnóstico das condições estruturais e socioeconômicas do bairro. A segunda, que foi executada entre fevereiro e julho de 2007, está relacionada ao espaço vivido pelos moradores, através da percepção dos habitantes do lugar.

Os procedimentos metodológicos da primeira etapa foram divididos em quatro partes. A primeira consistiu na delimitação da área de estudo, baseada nos setores censitários do IBGE-2000. A segunda parte correspondeu à análise dos espaços livres públicos, os quais foram qualificados e hierarquizados. Posteriormente, cinco espaços livres públicos foram escolhidos

¹ Resultante do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq 2006-2007) intitulado “Perfil Socioeconômico e Cultural do Bairro de Itapuã em Salvador-BA”.

² Estudante de graduação do curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia. leonardodiasafonso@uol.com.br.

³ Professor Associado Doutor do Departamento de Geografia do IGEO/UFBA, pesquisador do CNPq; orientador da pesquisa.

para a aplicação de 180 questionários com os usuários, com o objetivo de identificar as diferentes formas de apropriação dos espaços. Os questionários foram aplicados em dias de semana e nos fins de semana, tanto pela manhã quanto à noite. A terceira parte correspondeu ao levantamento e mapeamento, na escala de 1: 2.000, do comércio e dos serviços, constatando-se a presença de cinco núcleos, três centrais e dois segregados. No total, foram aplicados 120 questionários entre os usuários do comércio e dos serviços existentes. A quarta parte consistiu na análise da infra-estrutura de transporte rodoviário no bairro. A proposta inicial era entrevistar empresas de ônibus que possuíssem linhas operantes no bairro, além da aplicação de 120 questionários, distribuídos espacialmente, com os usuários presentes nos pontos. Um mapeamento na escala de 1: 2.000 dos pontos de ônibus também foi realizado. O método utilizado para hierarquização dos espaços livres de edificação e das centralidades existentes no bairro foi o da sintaxe espacial, baseado nos trabalhos de Holanda e Gobbi (1988). Deste modo, foram confeccionados os mapas de Axialidade, com o objetivo de determinar os eixos de circulação mais integrados e os mais segregados, e o de Convexidade, que caracteriza o sistema de espaços livres de edificação existentes na escala do bairro.

A segunda etapa consistiu na análise sobre a formação da imagem/identidade coletiva do bairro, baseada nos estudos de Kevin Lynch (1990), utilizando-se levantamentos qualitativos com um universo restrito de entrevistados. Para a seleção dos entrevistados e construção da amostra utilizou-se o conceito de redes de Villasante (1996), buscando as redes formais/associativas e informais/submersas, onde o importante é saber que há porta-vozes (VILLASANTE, 1996, p.39), que representam os diversos grupos e organizações encontradas no bairro. A área de estudo apresenta uma população de 15.107 moradores, de acordo com os dados dos setores censitários do IBGE-2000. Dessa forma a amostra foi composta de 20 pessoas, considerando-se a faixa etária e o sexo, buscando as lideranças e porta-vozes de grupos, além da obrigatoriedade dos entrevistados morarem no bairro. Os entrevistados foram distribuídos da seguinte forma: três homens e três mulheres com idades entre 15 a 24 anos; três homens e três mulheres com idades entre 25 a 39 anos; dois homens e duas mulheres com idades entre 40 a 54 anos; um homem e uma mulher com idades entre 55 a 64 anos e um homem e uma mulher com idade igual ou superior a 65 anos. Por fim, a pesquisa propõe uma discussão do conceito de cultura a partir da percepção, baseado na experiência dos “espaços vividos” pelos moradores do bairro, além de analisar e classificar as manifestações culturais a partir dos estudos de Denis Cosgrove (1996).

2. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE EDIFICAÇÃO

Através da aplicação do método e da confecção dos mapas de Axialidade e Convexidade obteve-se a presença de 126 ilhas espaciais, 268 linhas axiais e 11 espaços livres públicos. Desses onze espaços livres públicos de edificação foram escolhidos para a aplicação dos questionários cinco espaços: Largo do Abaeté, Largo do Jenipapeiro, Praça do Tamarineiro, Praça Dorival Caymmi e Orla. Esses espaços foram escolhidos a partir de uma qualificação e uma hierarquização prévias, com a superposição dos mapas de Axialidade e de Convexidade, identificando-se aqueles espaços cortados ou margeados por eixos bem integrados e conectados ou por eixos segregados e mal conectados.

Os espaços cortados ou margeados pelos eixos mais integrados e conectados são a Praça Dorival Caymmi, a Orla e o Largo do Jenipapeiro; o Largo do Abaeté e a Praça do Tamarineiro são cortados ou margeados pelos eixos mais segregados e mal conectados. Vale ressaltar que dentre os espaços livres cortados ou margeados pelos eixos mais integrados e conectados

encontra-se a Praça Vinícius de Moraes, que se localiza em frente ao Farol de Itapuã. Essa praça, assim como o Farol, é um marco turístico de Itapuã e da própria cidade, porém não foi considerada para a aplicação dos questionários em função da pouca utilização do espaço pelos moradores. O que se verificou em loco foi a subutilização da praça. Os turistas utilizam a praça por um tempo relativamente curto, somente para fotografar a estátua de Vinicius de Moraes e ler as placas com algumas letras de suas canções. Os cinco espaços públicos apresentam características comuns: são utilizados em sua maioria por uma população de renda entre 1 a 2 salários mínimos, principalmente como lugar de encontros, preferencialmente durante o dia. Em relação à frequência ocorre uma ligeira variação entre os espaços, enquanto que no Largo do Jenipapeiro e na Praça Dorival Caymmi a frequência de uso se concentra em “muitas vezes por semana” no Abaeté e na Orla a frequência é de “poucas vezes ao ano”.

A Praça Dorival Caymmi localiza-se em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição de Itapuã, onde há muita concentração de comércio, constituindo uma das centralidades do bairro. A maior parte dos frequentadores possui renda entre 1 a 2 salários mínimos. Como aponta os questionários esta praça é utilizada muitas vezes por semana. O movimento na praça é intenso, principalmente durante o dia, entretanto é bastante utilizada nos fins de semana à noite, fato explicado pelo grande comércio local, pela presença de ambulantes, como barracas de cachorro quente, caldo de cana, baianas de acarajé e um ponto de ônibus que concentra grande parte das linhas do bairro. É um local onde há grande número de passantes/usuários de várias partes do bairro e da cidade.

A orla é um espaço público de lazer, frequentado por pessoas, que, em sua maioria, ganham entre 1 a 2 salários mínimos. É frequentada preferencialmente de dia, utilizada por pessoas do próprio bairro e de bairros próximos para ver amigos, andar a pé ou para fazer exercícios físicos.

O Largo do Jenipapeiro está localizado em um eixo de alta conectividade no sistema axial, entretanto é uma praça local e os passantes/usuários são predominantemente do seu entorno. Em relação à estrutura física existem alguns bancos e árvores que oferecem sombra para o largo durante quase todo o dia. No seu entorno existem apenas residências e uma escola municipal de ensino fundamental. Os responsáveis pelos alunos e as próprias crianças utilizam o largo, os primeiros para esperarem a saída dos alunos da escola e os segundos como espaço de brincadeira. É utilizada majoritariamente de dia e metade dos entrevistados vai à praça muitas vezes por semana.

A Lagoa do Abaeté sempre foi cercada de mistérios e lendas, pois todos temiam o banho em suas águas que, segundo se dizia, "engoliam" os que nela se banhavam; as eventuais mortes por afogamento aumentavam essa aura de mistério. O Parque Metropolitano do Abaeté foi criado em 3 de setembro de 1993, com uma área total de doze mil metros quadrados. Além das dunas e da Lagoa, o Parque possui um centro urbanizado de 225 ha com restaurantes, lojas, a Casa da Música da Bahia, a Casa das Lavadeiras e a administração do parque. Em sua estrutura física possui bancos, árvores, um mini-parque e uma área aberta. Esse local é mais frequentado por pessoas com renda entre 1 a 3 salários mínimos, dos mais variados bairros da cidade e de outras cidades do Brasil, sendo mais utilizado, segundo os questionários, nos fins de semana e de dia, indicando que este espaço é um atrativo para aqueles que não têm condições de ter acesso ou não buscam um lazer privado.

Construída por um morador local, a Praça do Tamarineiro é arborizada e possui alguns bancos e mesas que servem de local para encontros de amigos. É mais frequentada durante o dia, principalmente nos fins de semana. Apesar de estar próxima à Praça Dorival Caymmi, esta possui características diferenciadas, sendo frequentada, na sua maioria, por moradores do entorno e do bairro. Outra característica que a torna singular é que, segundo os questionários, os

usuários/passantes a utilizam algumas vezes por mês, constituindo-se no local onde há menor variação na renda dos frequentadores. Uma outra característica da praça, verificada no local, é que esta é mais utilizada como local de passagem do que local de estadia.

3. COMÉRCIO E SERVIÇOS

Inicialmente, para análise da distribuição do comércio e dos serviços em Itapuã, elaborou-se um mapa, com o objetivo de estabelecer os núcleos pesquisados. Para isso torna-se necessário o entendimento do conceito de núcleo adotado. São “áreas que apresentam uma concentração comercial relevante de estabelecimentos comerciais e de serviços. Nestas, os estabelecimentos apresentam-se muito concentrados, constituindo um aglomerado significativamente homogêneo” (SERPA, 2001, p.37). Obteve-se a presença de cinco núcleos de concentração comercial. Entre os cinco núcleos observa-se a presença de três núcleos com uma quantidade e variedade maior de comércio e serviços e dois núcleos de características opostas. Assim os núcleos 1, 2 e 3 constituem-se em centralidades de bairro, enquanto que os núcleos 4 e 5 caracterizam-se como comércio de vizinhança.

Os núcleos 1, 2 e 3 correspondem a: Avenida Dorival Caymmi (trecho Orla) estendendo-se até a Lagoa do Abaeté (núcleo 1); o núcleo 2, considerando-se o miolo da Avenida Dorival Caymmi, na altura do Supermercado Bompreço, e o núcleo 3 se estendendo até a primeira rótula da avenida. Os três núcleos possuem uma grande quantidade e variedade de comércio e serviços, recebem pessoas de bairros próximos e pessoas de bairros mais distantes, tais como: Federação, Fazenda Grande do Retiro, Sussuarana, Mata Escura, Valéria, Pernambués e Brotas. Isto se deve ao fato da proximidade assim como da facilidade de acesso e circulação. Vale ressaltar que a maior parte das linhas de ônibus que circulam pelo bairro passa por esses núcleos. Segundo os questionários aplicados, tanto o comércio quanto os serviços são utilizados pelos moradores do bairro e de outras partes da cidade. Os mais procurados são Supermercados, lojas de roupas, de eletrodomésticos e material de construção (principalmente no núcleo 3). Em relação aos serviços verifica-se a grande importância das casas lotéricas, dos bancos, correios, do posto de saúde e do INSS. Uma característica importante é que o meio de transporte mais utilizado para se chegar a esses núcleos e para circular entre eles é o transporte alternativo.

Os núcleos 4 e 5, que correspondem, respectivamente, ao Farol de Itapuã e à Rua da Ilha caracterizam-se como áreas onde o comércio e os serviços são pouco diversificados. A maioria dos usuários é do próprio bairro, sendo pouco expressiva a presença de usuários de outras localidades. Assim esses núcleos podem ser caracterizados como locais de comércio de vizinhança, devido a pouca concentração comercial e à dificuldade de acesso, fato representado pelo reduzido número de linhas de ônibus que circulam por esses núcleos. Uma característica peculiar do núcleo 4 é que a maior parte dos usuários que utiliza esse núcleo usa o carro como meio de transporte para chegar a ele.

Perguntas sobre o comércio e os serviços também foram abordadas nas entrevistas da segunda etapa da pesquisa. Em geral, os entrevistados estão satisfeitos com o comércio e os serviços do bairro, pois relatam que encontram tudo o que precisam, não havendo a necessidade de locomoção para outros locais. Afirmam que o comércio encontra-se em expansão, fato exemplificado com a chegada de grandes lojas, principalmente de eletrodomésticos.

“Você já tem hoje uma Ricardoeleto, você já tem hoje uma Insinuante, Lojas Maia, Bel Calçados, então hoje você já está contemplado” (Antonio Conceição, 45 anos).

“Tudo aqui em Itapuã você encontra, móveis, de tudo, roupa, utensílios em geral você consegue comprar aqui em Itapuã, sem precisar ir no centro” (Arivaldo Santana, 38 anos).

“Acho bom. A gente encontra tudo o que precisa. Se vai na farmácia acha tudo, se vai no supermercado, se vai nas lojinhas acha tudo, então a gente não precisa nem se deslocar pra cidade pra comprar roupa, nem calçado porque tá cheio de loja de calçado, de roupa de homem, de mulher” (Regina do Nascimento, 64 anos).

Mas, para alguns entrevistados o comércio ainda possui deficiências.

“Certamente você não acha tudo aqui em Itapuã” (Erasmus Barreto, 56 anos).

As críticas ao comércio estão relacionadas à desorganização, à má qualidade dos produtos, assim como aos preços elevados, motivos que levam os entrevistados a buscarem outros locais para as compras.

“O comércio é bom, mas tem pessoas que vendem coisas piratas, que não são objetos de qualidade” (Gisele Souza, 15 anos).

“Para buscar preços mais em conta a gente tem que ainda sair pra procurar outros lugares” (Rosângela Barreto, 27 anos).

Em relação aos serviços reclamam da falta de serviços importantes como o SAC (Serviço de Atendimento ao Cidadão) e de um hospital de grande porte, pois a demanda nos postos de saúde do bairro é grande, devido ao atendimento a pessoas oriundas de outras localidades.

“Vários serviços importantes que Itapuã deveria ter e não tem, poderia ter um SAC aqui em Itapuã, não tem, poderia ter um hospital geral, não tem, porque o posto de saúde é muito pequeno” (Alexssandro Santos, 23 anos).

Conforme os entrevistados, os centros do bairro mais citados são a Avenida Dorival Caymmi (8 respostas), a Praça Dorival Caymmi (6 respostas), Abaeté (5 respostas) e Sereia de Itapuã (5 respostas). Dessa forma, os centros do bairro considerados pelos entrevistados coincidem com os núcleos centrais estabelecidos pelo pesquisador a partir da superposição dos mapas de Axialidade e Convexidade, confeccionados com base no método da sintaxe espacial. Os argumentos dos entrevistados para considerarem esses centros como centros do bairro estão relacionados à visibilidade, à acessibilidade, ao movimento e à congregação de pessoas, vistos como locais de interação/convivência, locais onde se encontra tudo o que se precisa, locais de concentração comercial e de realização de festas.

4. ANÁLISE DO TRANSPORTE COLETIVO

Atualmente são 44 opções de linha de ônibus. Entretanto, nos finais de semana esse número tem um acréscimo de cinco novas linhas devido à Operação Praia que liga Itapuã a outros bairros, tais como: Cosme de Farias, IAPI, Sete de Abril, Marechal Rondon e Engenho Velho de Brotas. Destas linhas, 26 são municipais e 18 intermunicipais. Assim, foram incluídas nos questionários perguntas relacionadas a estes dois tipos de linhas. Os questionários demonstram que as pessoas utilizam o transporte intermunicipal com frequência devido aos seguintes motivos: preço da tarifa mais baixo e menor tempo de permanência no ponto, já que esses ônibus passam em intervalos de tempo menor. Além disso, é expressivo, em Itapuã, o grande número de linhas de transporte complementar, que servem como alternativa as linhas de ônibus convencionais.

O bairro é servido por 18 empresas de ônibus, entretanto nenhuma dessas empresas possui garagem no bairro. Os trechos percorridos são: Avenida Dorival Caymmi, Avenida Octávio Mangabeira, Rua da Ilha, Ladeira do Abaeté e Rua Professor Souza Brito. Esses trechos, segundo o método de sintaxe espacial, são áreas bem conectadas do bairro. O bairro possui 25 pontos de ônibus e um final de linha, localizado no Abaeté. Destes pontos, 20 são providos de abrigos, 2 possuem apenas placas e 3 são sem placa e sem abrigo.

A maioria dos usuários do transporte público é morador de Itapuã, mas há também usuários de outros bairros; grande parte deles classifica o transporte como regular, apontando como deficiências: trânsito congestionado, frota antiga, preço da passagem e espera no ponto. Como sugestões para melhoria do transporte público no bairro citam: o aumento da frota seguido por criação de novas linhas. A movimentação dentro do bairro é feita a pé, entretanto é muito utilizado também o transporte complementar. Um dos motivos para a utilização desse modo é, comparativamente, o baixo preço da passagem, em torno de R\$1,00, o que representa um atrativo para os usuários.

5. AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Analisar o papel da cultura na vida social dos moradores foi um dos focos da pesquisa, na medida em que vive-se um contexto onde a presença e a influência de uma cultura de massas busca homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular; mas também, e paralelamente, ocorrem reações dessa cultura popular (SANTOS, 2006, p.143). Nesse sentido, ocorre a tentativa de transformação de manifestações tradicionais, construídas historicamente, em mercadorias para atender as demandas dos mercados e seus agentes hegemônicos, numa tentativa de “domesticá-las” e oferecê-las como espetáculo para o consumo cultural de massa. Para os entrevistados a cultura exerce um papel fundamental na vida de Itapuã e dos próprios moradores, exaltando essa característica como algo positivo do bairro:

“Bom Itapuã eu lembro de todo o aspecto cultural que a gente vê aqui em nossa comunidade... Então aqui foi o berço assim dessa coisa de cultura” (Arivaldo Santana, 38 anos).

“Nós estamos falando de um bairro, de Itapuã, que culturalmente é conhecido mundialmente, que é cantado em versos e prosa” (Antônio Conceição, 45 anos).

O conceito de cultura, para os entrevistados, está atrelado à educação, às tradições, aos costumes, à arte, ao conhecimento, à evolução e à aprendizagem. Dentre as manifestações culturais mais citadas pelos entrevistados estão o grupo As Ganhadeiras de Itapuã, o bloco afro Malê Debalê, a Lavagem de Itapuã, a capoeira, a Festa da Baleia, o carnaval, o candomblé e o Terno de Reis.

A partir da relação entre cultura e poder, as manifestações culturais existentes no lugar foram analisadas a partir das categorias propostas por Denis Cosgrove (1998), a saber: dominantes, emergentes, residuais e excluídas. As manifestações culturais dominantes caracterizam-se por representar a cultura de massa vigente, com valores hegemônicos, na cidade e no bairro, impostos por grupos sociais específicos. Assim as manifestações dominantes em Itapuã são a Lavagem do bairro e o carnaval. A Lavagem de Itapuã é citada por alguns entrevistados como a manifestação mais alterada, isto porque sua importância como festa religiosa vai perdendo espaço para comemorações profanas, a partir da inserção do trio elétrico na festa (a única lavagem da cidade que ainda mantêm o desfile de trios). Como destaca Serpa (2007), o “acontecer” dessas festas passou a ser marcado pela realização do lucro e pela possibilidade de diversão. Outro fator apontado pelos entrevistados e que descaracteriza a festa é a presença da violência.

“Se você visse como era a Lavagem de Itapuã, eram três dias, porque tinha tudo, tinha Terno de Reis, tinha o povo fazendo festa, hoje em dia o povo só quer brigar, aí tá acabando com tudo, a violência tá destruindo tudo da cultura” (Nádia de Souza, 46 anos).

“A Lavagem de Itapuã, quando não tem os trios elétricos, é boa, quando tem os trios elétricos ela causa bastante impacto porque vem gente de tudo quando é lugar pra curtir o som do trio elétrico e com isso gera violência, bebedeira, sujeira” (André Papi, 30 anos).

O carnaval de Itapuã está inserido dentro da lógica dos “carnavais de bairro”, promovido pelo poder municipal como forma de manter os habitantes dos bairros populares longe dos circuitos principais da folia (SERPA, 2007). É motivo de conflito e descontentamento entre os moradores, pois, no passado, acontecia no Abaeté e atualmente é realizado na Praça Dorival Caymmi, além de não contar com as grandes atrações do carnaval oficial.

“O carnaval não era aqui na praça, era no Abaeté, mas por causa da violência colocaram aqui na praça” (Alexssandro Santos, 23 anos).

As manifestações culturais emergentes são aquelas que, por sua natureza, oferecem um desafio à cultura dominante existente. Dessa forma, considerou-se como manifestação cultural emergente em Itapuã o bloco afro Malê Debalê, o grupo As Ganhadeiras de Itapuã, a Festa da Baleia, a capoeira e o candomblé.

Conta a história que os Malês, escravos africanos das etnias hauçá e nagô, de religião islâmica e responsáveis pela Revolta dos Malês em 1835, escolheram o Abaeté como principal refúgio na cidade, e a história serviu como referência para a formação do Malê Debalê, criado em 23 de março de 1979 por um grupo de moradores que desejava ver o bairro de Itapuã representado no carnaval baiano. A primeira participação do bloco no carnaval baiano foi em 1980, sendo campeão na categoria afro, com músicas do gênero samba-reggae. Os ensaios do bloco, em sua sede no Abaeté, possuem fama, o que atrai os moradores do bairro e turistas. Atualmente, o bloco afro faz palestras para a população local, com trabalho de afirmação da cultura negra, além da dança e da música, com trabalhos de percussão. Quando indagados sobre a relação, atuação e a importância do bloco Malê Debalê no bairro obteve-se as seguintes respostas:

“É uma entidade afro que existe no nosso bairro, que de certa forma resgata raízes dos nossos antepassados, os nossos antepassados negros, escravos” (Robson Cardoso, 20 anos).

Assim como o Malê Debalê, o grupo As Ganhadeiras de Itapuã aparece como a manifestação cultural de maior visibilidade do bairro, sendo lembrada em metade das respostas dos entrevistados. Este grupo é formado por mulheres e crianças que representam as antigas mulheres dos pescadores que lavavam roupa no Abaeté e vendiam peixes fritos. Atualmente, participam de diversos eventos no bairro e fora do bairro, participando, até mesmo, de especiais num canal de televisão.

A Festa da Baleia, citada quatro vezes pelos entrevistados, é realizada todos os anos na quarta-feira de cinzas, à tarde. Os moradores do bairro festejam a despedida da baleia, símbolo do carnaval de Itapuã.

“Itapuã já foi um pólo de baleia há muito tempo, e esse negócio da baleia eles criaram como uma lenda dizendo que os pescadores estão devolvendo a baleia para o mar para poder perdoar, porque eles pescaram muita baleia” (Jenner Salgado, 47 anos).

Em Itapuã, o resgate das manifestações culturais ligadas às tradições afro-brasileiras é feito, principalmente, pelo bloco afro Malê Debalê, pelos praticantes da capoeira e pelos adeptos do candomblé, ressaltando a tentativa de afirmação de uma identidade afro-brasileira no bairro. A capoeira foi citada sete vezes pelos entrevistados, entretanto, assim como o candomblé, citado três vezes, são promovidos por grupos isolados. Em geral, os entrevistados dizem que as manifestações culturais não são mais como no passado, quando eram mais ricas e autênticas.

“As manifestações do passado eram uma manifestação da alma do povo, da alegria do povo. O que mudou é que antigamente se fazia a coisa mais espontânea, hoje existe um mercado, uma indústria e às vezes a coisa não sai com aquela naturalidade que tinha que sair” (Jenner Salgado, 47 anos).

Uma preocupação corrente entre alguns entrevistados, principalmente entre os moradores mais antigos, é a tentativa de resgatar manifestações que se enfraqueceram ou se perderam, pois

existe um movimento vertical e homogeneizador conduzido por um mercado que impõe elementos da cultura de massa. Entretanto, esse processo nunca se completa inteiramente, pois encontra resistência da cultura preexistente.

“Reviver o Terno de Reis que é uma das manifestações mais bonitas que existiram em Itapuã” (Narciso Patrocínio, 72 anos).

Essa tentativa de resgate aparece na imprensa escrita, como em matéria de jornal de circulação local, o Correio da Bahia, intitulada: “A comunidade de Itapuã, um dos mais famosos bairros da capital, quer retomar a participação na organização das festas populares do local”. Segundo a reportagem, *“O Colégio Rotary, na Ladeira do Abaeté, abriu as portas para que veteranos moradores, pesquisadores, estudantes e representantes de movimentos atuantes na região pudessem expor pontos de vistas conflitantes e debater mecanismos para tornar as celebrações, historicamente comandadas por moradores, mais democráticas e inclusivas”*. (Correio da Bahia, 29/04/2007). Mas, ainda assim, algumas manifestações vão desaparecendo, permanecendo vivas apenas na memória dos moradores (SERPA, 2007). Estas são chamadas de excluídas, ou seja, aquelas que foram suprimidas ou praticamente extintas, tais como: As Lavadeiras de Itapuã, a Puxada de Rede, o Caruru de São Cosme e os Afoxés.

“Antes Itapuã tinha vários afoxés que afirmavam um pouco do que é a dança do candomblé” (Jacira Ribeiro - Mãe Jacira, 39 anos).

6. OS LIMITES DO BAIRRO DE ITAPUÃ

Os limites são definidos a partir de referências adquiridas nos processos históricos de vivência no bairro. Quando perguntados a respeito desses limites, alguns entrevistados reagiram com expressões do tipo: “Itapuã tem fim, será?”; “Boa pergunta essa!”; “Isso tá difícil!”; “Eu tenho essa dúvida”; “Itapuã é infinita!”. As respostas tiveram uma variação muito grande, com poucas coincidências. Para a maior parte dos entrevistados, o bairro começa ou termina em Piatã/Placafor (12 respostas). Segundo alguns, começa ou termina na Sereia, Abaeté e Farol (3 respostas cada), restringindo-se à parte central do bairro. Entretanto, para outros, começa ou termina na terceira ponte de Jaguaribe (5 respostas).

Não há divisão oficial por bairros em Salvador, entretanto existe, na praia de Placafor, uma placa de sinalização da prefeitura indicando o início do bairro. É possível que esse referencial induza as respostas dos entrevistados em relação ao início do bairro. Não há um consenso na delimitação, principalmente em relação ao término do bairro. Os referenciais para a delimitação em relação ao término do bairro foram muito variados, a saber: Ex-combatentes, Hotel Sofitel, Tocaia, Motel Sky, aeroporto, praia de Aleluia. As respostas mais recorrentes em relação ao término do bairro foram: Praia do Flamengo (4 respostas), Abaeté (3 respostas), Farol de Itapuã (3 respostas) e Stella Maris (2 respostas). Algumas pessoas dilatam subjetivamente Itapuã e englobam os bairros de Stella Maris e Praia do Flamengo, provavelmente devido a sua maior valorização social.

“O último trecho abrange até a Praia do Flamengo, porque da Praia do Flamengo já é outro município” (Robson Cardoso, 20 anos).

“Porque são praias freqüentadas pelos ricos e também são utilizadas como campeonato de surf, nacional e internacional, sandboard, bodyboard, então são lugares que são marcas, que de um modo ou de outro divulgam o nosso bairro, porque a imprensa sempre tá divulgando esses eventos” (Antônio Conceição, 45 anos).

Algumas pessoas pensam os limites não em relação ao bairro, mas em termos da divisão municipal por Regiões Administrativas, no caso a Administração Regional X, que possui a mesma toponímia do bairro de Itapuã.

“Bem o mapa que eu desenhei na verdade eu baseei na divisão política da cidade de Salvador que são as Regiões Administrativas. Então Itapuã corresponde à Região Administrativa X” (André Papi, 30 anos).

Essa grande variação das respostas pode indicar que alguns referenciais ainda não estão consolidados na percepção dos moradores, entretanto deve-se ater para o fato de que definir os limites de um bairro não é tarefa simples, principalmente porque a subjetividade é elemento fundamental nesse processo. É importante ressaltar que a maioria dos entrevistados pensa o bairro de Itapuã maior do que os limites estabelecidos pelo pesquisador.

7. MAPAS COGNITIVOS E ELEMENTOS MARCANTES

As entrevistas compostas por 26 perguntas foram baseadas nos estudos de Kevin Lynch (1990). Em uma das perguntas, o entrevistado era solicitado a produzir um mapa mental do bairro, pois a construção de uma representação coletiva do bairro é analisada através de técnicas da cartografia cognitiva, onde “parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais. Ou talvez exista uma série de imagens públicas, cada qual criada por um número significativo de cidadãos” (LYNCH, 1990, p.51). Nessa perspectiva, pretendeu-se explicitar o entendimento e a imagem que se tem do bairro enquanto construção mental, a partir das representações individuais até se chegar a uma representação coletiva “síntese” do bairro.

Os mapas mentais indicam o cotidiano dos moradores assim como as imagens hegemônicas produzidas no bairro, expressando tanto a evolução do bairro quanto a experiência do morador. Foram desenhados nos mapas mentais um total de 80 referenciais. O referencial mais desenhado foi a Lagoa do Abaeté, citada 13 vezes, seguida pela Avenida Dorival Caymmi, citada 10 vezes, e pelo Farol de Itapuã, citado nove vezes. Destacam-se ainda a praia, a Sereia de Itapuã e a igreja Nossa Senhora da Conceição de Itapuã. Os elementos marcantes mais citados são, nessa ordem: Lagoa do Abaeté, Farol de Itapuã, Sereia de Itapuã, Praia, Igreja Nossa Senhora da Conceição de Itapuã e Praça Dorival Caymmi.

O mar e a praia se destacam na relação entre os moradores e o bairro de Itapuã, marcando a sua vida cultural, na medida em que o bairro historicamente cresceu a partir de uma vila de pescadores que tinha na pesca um meio de subsistência. Atualmente, a atividade pesqueira continua sendo, para alguns, o principal meio de sobrevivência.

“O mar é a única coisa que a gente tem e também é o nosso sustento, é o peixe, pra quem tem os seus maridos que são pescadores” (Deise Góes, 48 anos).

Nota-se que os elementos marcantes mais citados são aqueles considerados pontos turísticos da cidade, ou seja, elementos marcantes não só do bairro, mas também de Salvador. Os referenciais mais desenhados nos mapas mentais praticamente coincidem com os elementos marcantes mais citados. O turismo foi uma preocupação corrente na fala de alguns entrevistados, já que muito se fala da “vocação turística” do bairro, citado em diversas canções por diferentes artistas, nas quais sempre é passada uma visão idealizada de Itapuã e que acaba sendo incorporada também ao discurso dos próprios moradores, mesmo não correspondendo muitas vezes ao seu espaço vivido no cotidiano.

“Itapuã é dito pelos poetas como um bairro maravilhoso, bastante turístico, pra mim Itapuã é gostoso, apesar da desigualdade social, é um bairro de muita felicidade também” (Alexssandro Santos, 23 anos).

8. REDES SOCIAIS, MOBILIZAÇÕES E COOPERAÇÃO ENTRE VIZINHOS

Nos bairros populares das metrópoles capitalistas são os moradores os verdadeiros agentes de transformação do espaço. Eles articulam-se em “rede”, não uma rede única, mas redes superpostas (SERPA, 2007). Segundo Villasante (1996), as redes podem ser de três tipos: globais, locais e submersas. Em Itapuã, as redes locais são aquelas formadas por grupos atuantes no bairro, que interagem e articulam-se com as redes globais. Como representantes das redes locais em Itapuã temos a Igreja Católica, o fórum Agenda 21 e as Organizações Não-Governamentais como a Jogue Limpo. A Igreja Católica é apontada pelos entrevistados como a entidade mais atuante no bairro, através da distribuição de cestas básicas e sopa para os mais necessitados.

“Eles distribuem cesta básica, mas essas cestas básicas são doações dos próprios fiéis. Tem também a distribuição do pão dia de terça feira, da nossa igreja católica” (Nádia de Souza, 46 anos).

A Agenda 21 é um fórum que funciona como espaço para articular as diversas lideranças, não só do bairro, mas de toda a Região Administrativa X. Todavia, para alguns entrevistados, faltam no bairro uma maior atuação e integração entre as associações. Nesse sentido, é importante ressaltar que a fraca articulação entre as associações acaba enfraquecendo a capacidade de mobilização e reivindicação dos moradores.

“A própria Agenda 21, uma associação de catadores lá da Brasília, tem a associação aqui do Coqueirinho, tem terreiros de candomblé, agora o que falta é alguém que costure isso, que pegue e costure todos esses movimentos” (Jenner Salgado, 47 anos).

Os entrevistados tiveram alguma dificuldade em lembrar de mobilizações ou reivindicações que ocorreram no bairro. As reivindicações ou mobilizações quando lembradas eram pontuais e muito antigas. Foram mencionadas em relação, principalmente, a movimentos estudantis, a movimentos de cunho ambiental e por melhorias de infra-estrutura do bairro. Esse fato é evidenciado por Souza (2005), quando afirma que desde a metade da década de 1980 já era perceptível uma crise no ativismo de bairro nas grandes metrópoles brasileiras.

“Já teve algumas fortes como o Salve o Abaeté. Tiveram também algumas em relação ao povo de candomblé, inclusive eu estive à frente disso, no ano de 2000 e 2004 também, contra a intolerância religiosa” (Jaciera Ribeiro - Mãe Jaciera, 39 anos).

“Pelo menos aqui na nossa rua o esgoto passava a céu aberto, então os próprios moradores se juntaram pra botar as manilhas para fazer com que esse esgoto passasse por baixo” (Rosangela Barreto, 27 anos).

“O que eu mais me lembro assim que sempre até eu reivindiquei era asfalto nas ruas e água encanada que não tinha e o povo sempre estava pedindo” (Eunice dos Santos, 70 anos).

“Uma que a gente viveu foi em decorrência de instalação de empreendimento em área de proteção ambiental aqui, Pedra do Sal Residence. Então a instalação do condomínio gerou uma mobilização dessa comunidade daqui pra impedir, isso deve ter uns dez anos, assim mais ou menos” (André Papi, 30 anos).

“A questão do Abaeté que foi uma grande mobilização, não só da comunidade de Itapuã, mas da comunidade de Salvador, a campanha Abaeté Eterna” (Amadeu Alves, 39 anos).

As redes submersas, que, segundo Villasante (1996), correspondem a cerca de 95% da população, são aquelas das relações informais cotidianas, como, por exemplo, as redes de parentesco, relações de vizinhança e grupos de jovens. Nesse sentido, foi perguntado aos entrevistados se havia alguma forma de cooperação entre vizinhos, na medida em que as relações de vizinhança constituem um caso particular de redes do cotidiano (SERPA, 2007).

Existe uma relação direta entre renda e densidade, pois esses mapas quando sobrepostos demonstram que quanto menor a renda, maior é a densidade populacional. Esse é um dado importante, pois nossas relações de vizinhança são condicionadas de uma forma determinante pela densidade populacional do local que habitamos, pelo nível econômico e pelo grau de cooperação dos seus habitantes, bem como pela distância entre as unidades de habitação (SERPA, 2007). As opiniões sobre as relações entre vizinhos são divididas. Para 60% dos entrevistados não existe cooperação entre vizinhos, já para os 40% restantes ainda existe algum tipo de cooperação. Mas, se analisarmos as respostas levando-se em consideração os setores censitários onde os entrevistados moram, os dados revelam que nos setores com menores rendas, 73% do total dizem que existe cooperação em sua rua, enquanto que nos setores com maiores rendas todos os entrevistados foram unânimes, afirmando que não há cooperação entre vizinhos em suas ruas. Isto porque, nas áreas mais populares do bairro, a limitação de oportunidades, a pobreza, o isolamento relativo, a insegurança e o medo acabam por fortalecer as relações entre vizinhos e torná-las parte fundamental da trama de relações familiares (SERPA, 2007).

“Aqui todo mundo se une, coopera um com o outro, se um está doente o outro dá socorro, todo mundo procura ajudar, todo mundo é unido” (Regina do Nascimento, 64 anos).

“Existe. Assim, por exemplo, São João a gente arruma a rua, todo mundo ajuda dando um tanto pra rua ficar arrumada. Se o vizinho tá precisando de uma coisa vai na casa do outro e tem” (Tainá Reis, 18 anos).

Em contrapartida, nos setores de renda mais elevada, as relações entre vizinhos são mais seletivas e pessoais, já que o maior poder aquisitivo faz diminuir a necessidade de ajuda mútua e aumentar a necessidade individual de espaço (SERPA, 2007).

“Não, não existe. Antes a gente fazia, no passado a gente fazia as festas, nos reuníamos e aí fazíamos as festas, mas hoje não tem mais isso não, a gente tá muito mais para o individual” (Arivaldo Santana, 38 anos).

“Cooperação não muito, cada um é na sua, um tentando ser melhor do que o outro” (Rosângela Barreto, 27 anos).

Um exemplo desse isolamento praticado pelas classes com rendas mais elevadas fica evidente na fala de um dos entrevistados. Segundo ele, as reivindicações são feitas pelas associações dos condomínios, entretanto, em prol do próprio condomínio e não do bairro como um todo.

“São localizadas em loteamentos, então aqui a gente tem uma divisão espacial de loteamento. Então a gente tem o loteamento Pedra do Sal, tem o loteamento Jardim Encantamento, então são dois loteamentos que estão ligados um ao outro, limítrofes um ao outro, mas tem associações diferentes, não interagem, são coisas distintas, cada um fica ali restrito a seu loteamento mesmo” (André Papi, 30 anos).

Este é um exemplo do processo a que estão submetidas as metrópoles contemporâneas, especialmente no Brasil, com a fragmentação do tecido sociopolítico espacial e a formação de enclaves territoriais no tecido urbano, sofisticando as formas de auto-segregação dos habitantes. (SERPA, 2007). Assim, fica evidente em Itapuã que, apesar de existirem oficialmente, as associações são pouco percebidas pelos entrevistados, o que demonstra a reduzida capacidade de mobilização, a pouca visibilidade pública e conseqüentemente o baixo poder de pressão e barganha, fruto da frágil articulação entre as associações e os próprios moradores.

9. CONCLUSÕES

As pesquisas desenvolvidas pelo Projeto Espaço Livre Pesquisa-Ação estão voltadas para a produção do espaço urbano nas periferias de Salvador. Desse modo, Itapuã é mais um bairro contemplado pelo projeto que tem como principais objetivos redefinir recortes, abrir novas possibilidades para intervenção no espaço construído para habitação em bairros populares de Salvador, fomentar um diálogo entre a universidade e as representações populares de bairros da periferia, além de subsidiar um planejamento urbano baseado nos mecanismos de autogestão e participação.

A pesquisa foi importante no sentido de desmistificar a imagem produzida do bairro. Uma visão romantizada, de um lugar mágico, igualitário, tranqüilo e de natureza exuberante. A partir da pesquisa, tal imagem foi desconstruída, na medida que uma radiografia do bairro foi produzida e seus problemas identificados. O bairro apresenta uma população predominantemente de baixa renda, com urbanização acelerada e problemas estruturais graves, como falta de pavimentação e saneamento básico. Outra questão importante foi estar “mergulhado” dentro da realidade do bairro, assim como dar voz àqueles que não são ouvidos, mas que são os que realmente produzem esses espaços, elevando também sua auto-estima. Ouvir as lideranças e os porta-vozes dos diferentes grupos atuantes no bairro de Itapuã, escutando as diversas demandas, para futuramente propor alternativas de mudança, foi um desafio posto ao pesquisador.

Vale ressaltar também a importância da participação da sociedade nos processos decisórios, sem perder de vista que uma análise crítica de que tipo e como deve ser essa participação se torna fundamental e indispensável, pois só a participação não resolverá os problemas. Nesse sentido, não se deve pensar de modo conservador. Devemos propor uma mudança de paradigma no planejamento, ou seja, pensar em outros termos que não sejam aqueles hegemônicos na atualidade. Aqui se concorda com Souza, quando o autor afirma que a verdadeira revolução está em uma certa desprofissionalização do planejamento e da gestão, de maneira que todos os cidadãos possam deles participar, e não apenas mudar a cabeça dos que pensam e que dirigem. (SOUZA, 2006). As questões que ficam no ar, à espera de respostas, dizem respeito aos novos caminhos que devem ser trilhados, quais as novas formas de se ver o espaço e a sociedade que lhe anima, integrando-os cada vez mais na concretização de universos materiais e simbólicos que preencham a vida em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens Humanas. In: CÔRREA, R. L; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92-122.
- GERARDI, L. H. de O; SILVA, B. C. M. N. *Quantificação em Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1981.
- HOLANDA, F; GOBBI, C. *Forma e uso do espaço urbano – estudos de casos assistidos por computador*. Brasília: Instituto de Arquitetura e Urbanismo – UNB, 1988.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- RELPH, E. C. *As bases fenomenológicas da Geografia*. Geografia, Rio Claro-SP, v. 4, n. 7, p.1-25, 1976.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SERPA, A. *Fala, Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano*. Salvador: PROEX/EDUFBA, 2001.

_____. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, M. L. de. *O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política*. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p.140-172, 1989.

_____. *O desafio metropolitano. Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *Mudar a cidade. Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

VILLASANTE, T. R. Metodologia dos conjuntos de ação. In: FISCHER, T. (org.). *Gestão contemporânea – cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

TUAN, Y.F. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.